

A CIDADE REAL E IDEAL: A PAISAGEM DE NUREMBERG NA CRÔNICA DE HARTMANN SCHEDEL E A SUA CONCEPÇÃO DE ESPAÇO URBANO

LA CIUDAD REAL E IDEAL: EL PAISAJE DE NUREMBERG EN LA CRÓNICA DE HARTMANN SCHEDEL Y SU CONCEPCIÓN DE ESPACIO URBANO

THE REAL AND IDEAL CITY: THE NUREMBERG LANDSCAPE IN HARTMANN SCHEDEL'S CHRONICLE AND ITS CONCEPTION OF URBAN SPACE

Vinícius de Freitas Morais

Universidade Federal Fluminense

vinicius.freitas94@hotmail.com

Fecha de recepción: 11/10/2016

Fecha de aprobación: 01/06/2017

Resumo

A partir de uma concepção de espaço confeccionada pela elite local de Nuremberg, buscava-se, através de um projeto tipográfico promover uma imagem ideal para esta cidade. Hartmann Schedel, um importante humanista local em conjunto com o impressor Anton Koberger e os gravadores Micheal Wolgemut e Wilhem Pleydenwurff produziram duas edições do imponente incunábulo comumente conhecido pela historiografia como A Crônica de Nuremberg. Este presente artigo tenta, a partir de uma comparação entre fonte escrita e imagética, elucidar esta apologia de Nuremberg como um importante polo econômico para a região da Baviera.

Palavras-chave

Cidade – Incunábulo - humanismo

Resumen

A partir de una concepción de espacio confeccionada por la élite local de Nuremberg, se buscaba, a través de un proyecto tipográfico promover una imagen ideal para esta ciudad. Hartmann Schedel, un importante humanista local, en conjunto con el impresor Anton Koberger y los grabadores Micheal Wolgemut y Wilhem Pleydenwurff, produjeron dos ediciones del imponente incunable comúnmente conocido por la historiografía como La Crónica de Nuremberg. Este presente artículo intenta, a partir de una comparación entre fuente escrita e imagética, elucidar esta apología de Nuremberg como un importante polo económico para la región de Baviera.

Palabras clave

Ciudad – Incunable - Humanismo

Abstract

The local elite of Nuremberg, in an attempt to promote an ideal image of the city, devised a typographic project that reflected its spatial conception, which had also been designed by them. Hartmann Schedel, an important local humanist, together with the printer Anton Kobeger and the printmakers Micheal Wolgemut and Wilhem Pleydenwurff, made two editions of a great incunable, commonly known in historiography as The Nuremberg Chronicle. This article attempts to, by comparing written sources and images, elucidate this vindication of Nuremberg as a distinguished economic center in the Bavaria region.

Keywords

City - Incunable - Humanism

Introdução

Nuremberg constituía-se como um importante centro comercial no Sacro Império Romano Germânico no final do século XV. Uma das poucas cidades da região que possuía o título de cidade imperial, o que a conferia certos privilégios e autonomia em relação aos poderes locais dos seus arredores.¹ Muitos autores enfatizam a importância de Nuremberg como ponto de difusão para as gravuras e livros impressos, não só para cidades adjacentes e próximas, como também para a península Ibérica e os reinos francês e inglês.²

De todo modo, Nuremberg contava com importantes oficinas de impressão desde a metade do século XV. Dentre tais a que se destacava era a do impressor Anton Koberger que ficou responsável por negociações e distribuição de incunábulos por diversas regiões da Europa.³ Apesar da cidade em questão não contar com uma universidade própria, um importante grupo de humanistas da região era um público alvo de vendas de parte destes livros impressos por Koberger, dentre estes intelectuais, um importante estudioso era Hartmann Schedel. Este último possuía uma biblioteca extensa que contava com aproximadamente 500 exemplares impressos e 300 manuscritos.⁴

Uma cidade que se destacava pelos seus atributos econômicos, certamente precisava demonstrar sua exuberância frente as outras localidades. As necessidades de cunho produtivo se efetivavam por uma busca de distinção social justificada por atributos culturais. Não só textos de elogios escritos pelo poeta Conrad Celtis, mas também a imponente xilogravura dos fólhos IC *verso* e C *recto*, acompanhada de um texto panegírico buscavam demonstrar a distinção de Nuremberg frente às demais da região.

Uma imponente muralha, grandes igrejas, numerosas torres como são representadas na xilogravura que será brevemente analisada neste *paper*, não parecem suficientes a Hartmann Schedel para descrever todo o poder local de sua cidade. Um texto presente nestes fólhos descreve não só a importância comercial, a riqueza material de Nuremberg, mas também a sua suposta fundação feita no império romano. Buscava-se, assim, representar uma imagem de *cidade ideal* frente a uma *cidade real*.

¹ Gerald STRAUSS, *Nuremberg in the sixteenth Century: city politics and life between the Middle Ages and Modern Times*, Bloomington, Indiana University Press, 1976 p. 33

² Ver: David LANDAU; Peter PARSHALL, *The renaissance print: ca. 1470 - 1550*. New Haven, Yale University Press, 1994.

³ Adrian WILSON, *The making of the Nuremberg chronicle*, Amsterdam, Nico Israel, 1976.

⁴ *Ibidem* p. 34

Estes dois últimos conceitos empregados pelo historiador Giulio Carlo Argan⁵ podem dar conta de uma breve análise das conexões entre a gravura e o texto relacionados a cidade de Nuremberg. É importante lembrar que ao passo que consideramos analisar uma imagem de *cidade ideal* de Nuremberg a partir de um texto escrito por um humanista pertencente a classe dominante desta localidade, limitamos um pouco o campo de visão da *cidade real*, já que, à primeira vista, nota-se o caráter de elogio e enaltecimento presente na fonte mobilizada para análise no último tópico.

Quanto à recepção do livro em questão, farei uma análise de pequeno texto confeccionado pelos próprios editores da então *Crônica de Nuremberg*. Como os próprios responsáveis pelo projeto de confecção deste grande incunábulo mencionam, esta obra possivelmente era destinada aos homens que possuíam alguma educação e não apenas aos intelectuais, já que este livro foi impresso tanto em alemão como em latim. Contudo, não há como se afirmar a quantidade da população local, ou menos ainda dos arredores que possuíam a capacidade de ler um livro em língua vernácula. Busca-se, portanto, a ênfase na análise de uma imagem de *cidade ideal* criada pela elite local, contudo não se pode afirmar a quem era exatamente destinada e qual era a recepção dos possíveis leitores.

A Crônica de Nuremberg e as suas xilogravuras

A *Crônica de Nuremberg* - tradução do português vinda do título em inglês *Nuremberg Chronicle*, *Liber Chronicarum* em latim ou *Weltchronik* em alemão - se destaca frente aos incunábulos do final do século XV. Este livro foi impresso em duas versões: uma em latim e outra em alemão; ambas editadas no mesmo ano com apenas alguns meses de diferença. Neste texto, a análise se limitará ao exemplar na versão alemã. A *Crônica de Nuremberg* possui 288 fólios e 1809 ilustrações vindas de 645 blocos de madeira.⁶ Esse imponente incunábulo ilustrado foi resultado de um trabalho em grupo de importantes humanistas de Nuremberg como Hartmann Schedel, dos financiadores Sebolt Schreyer e Sebastian Kammermeister, do impressor Anton Koberger e dos gravadores Micheal Wolgemut e Wilhem Pleydenwurff.⁷

Schedel, assim como outros membros das classes abastadas de Nuremberg, seguiu uma importante trajetória nos estudos acadêmicos. Quando tinha apenas dezesseis anos,

⁵ Ver: Cap. "Ville idéale e Ville réelle" in Giulio Carlo ARGAN, *L'histoire de l'art et la ville*, Paris, Éditions de la Pasion, 1995, p. 60.

⁶ Stephan FÜSSEL, *The book of chronicles*, Colônia, Taschen, 2013, p.8; J. GREEN, "Text, Culture, and Print-Media in Early Modern Translation: Notes on the Nuremberg Chronicle (1493)", in E.E. DUBRUCK, and B.I. GUSICK, (eds.) *Fifteenth-Century Studies*, Boydell & Brewer, 2008, pp. 114-132.

⁷ WILSON, op. cit., p. 8.

passou a frequentar a universidade de Leipzig, onde estudou até 1460 e ao sair obteve o grau de bacharel e mestre em Artes Liberais.⁸ Logo depois, ao decidir estudar medicina, viajou para à península itálica e na universidade de Pádua onde obteve o seu título de doutor em 1466.

Para além dos seus estudos, esse humanista, como aponta Beatrice Hérnad, possuía uma grande biblioteca pessoal com um acervo composto por livros manuscritos, impressos e xilogravuras impressas em folha única. Schedel viveu no período de transição das encadernações manuscritas para as impressas. Como aponta Zahn, nos anos de estudo de Schedel, durante a década de 1460, a imprensa de tipo móvel não havia atingido grandes áreas do Sacro Império Romano Germânico e ainda menor havia sido seu alcance ao sul dos Alpes. Por esta razão, enquanto ainda era estudante, Schedel recorria aos livros manuscritos. A partir de 1470, os incunábulo passaram a fazer parte de sua coleção pessoal, após ter retornado da sua estadia na Itália para a Baviera. Na sua cidade natal, a compra de encadernações impressas era mais fácil se comparada à Pádua, haja vista que se localizava em Nuremberg uma importante oficina de impressão coordenada pelo impressor Anton Koberger.

Na biblioteca de Hartmann Schedel encontravam-se textos sobre Medicina, Filosofia, Geografia, obras da Antiguidade clássica como as de Cícero, Virgílio, Horácio e da Alta Idade Média como as de São Jerônimo e de Santo Agostinho.⁹ A sua coleção foi importante, como aponta Adrian Wilson, para a compilação de fontes que resultou na escrita da *Crônica de Nuremberg*.¹⁰ Por ter o maior acervo da cidade, sua biblioteca foi primordial para os estudos do ciclo humanista local, todos os membros deste grupo tinham acesso aos livros de seu acervo. Entre estes intelectuais que frequentavam sua casa, um exemplo foi Conrad Celtis, um importante poeta e humanista.¹¹

A oficina de impressão mais importante desta região foi a coordenada por Anton Koberger. Este impressor, além de organizar a impressão da *Crônica de Nuremberg* (1493), foi responsável pela edição da *Legenda Aurea* em 1488 e do *Schatzbehalter* um livro devocional ilustrado feito em 1491. A difusão de livros vinda de sua oficina, como aponta Peter Parshall, foi essencial não só para os intelectuais da cidade, mas também para outros homens do saber de várias regiões do Sacro Império Romano Germânico.¹²

⁸ Elisabeth RÜCKER, *Hartmann Schedels Weltchronik*, München, Prestel-Verlag, 1988, p. 20.

⁹ Peter ZAHN, "Introduction", In: Adrian, WILSON, op. cit., p. 25.

¹⁰ Ibidem p. 28.

¹¹ Stephan FÜSSEL, *Die Welt im Buch: buch künstlerischer und humanistischer Kontext der Schedelschen Weltchronik von 1493*, Mainz, Gutenberg-Gesellschaft, 1996, p. 23.

¹² David LANDAU and Peter PARSHALL, *The renaissance print: ca. 1470 - 1550*, New Haven, Yale University Press, 1994, p. 38.

Em conjunto com a casa de impressão, havia o atelier dos mestres Michael Wolgemut e Hans Plydenwurff. Estes gravadores eram os responsáveis pelas ilustrações dos livros impressos por Koberger¹³. A realização da *Crônica de Nuremberg* contou com a ajuda de ambos e, como aponta Peter Parshall, a confecção dos 645 moldes das xilogravuras foi a parte, a qual, trouxe mais gastos para a manufatura desse livro.¹⁴

Este grande incunábulo ilustrado narra a História da humanidade e a divide em sete Eras.¹⁵ A Primeira Era se configura de Gênesis até o Dilúvio, a segunda até o Nascimento de Abraão, a terceira até o reinado de Davi, a quarta até o cativo dos judeus na Babilônia, a quinta até o Nascimento de Jesus, a sexta até o Apocalipse, a sétima até o Juízo Final. Esta divisão era comum para um gênero de livros conhecidos como “crônicas universais” presentes no Ocidente desde da Alta Idade Média.¹⁶

O conceito cristão de “crônica universal”¹⁷ foi formulado pelo bispo Eusébio de Cesareia, o biógrafo do imperador Constantino. Em seu livro, *Chronicarum Canones*, há uma listagem de datas desde os assírios, hebreus, egípcios, gregos e romanos até o ano de 325. Este texto foi traduzido para o latim por São Jerônimo e deste então esta cronologia, proposta por Cesareia e baseada em fatos considerados como anteriores ao Nascimento de Jesus, tornou-se parte da narrativa referente à Quinta Era destas crônicas durante o período medieval.¹⁸

Desde a época de Agostinho de Hipona, acreditava-se que cinco Eras já haviam se passado e a humanidade encontrava-se, desde o nascimento de Cristo, na sexta Era. Embora *A Crônica de Nuremberg* siga uma linha cronológica, por vezes, a sua narrativa histórica, tanto a sagrada como a profana, é intercalada por informações sobre cidades, filósofos gregos, santos, imperadores, papas e concílios. A parte referente à sexta Era é a maior do incunábulo.

A importância e o destaque da *Crônica de Nuremberg* frente aos outros incunábulos impressos no mesmo período, como defende Peter Parshall, justifica-se pela sua grande quantidade de xilogravuras.¹⁹ Encontram-se 1809 ilustrações nesse livro, estas gravuras fazem referência a variados temas desde as passagens bíblicas como a Criação do Mundo e a Expulsão de Adão e Eva do paraíso até aos relacionados à História profana como imperadores,

¹³ *Ibidem*, p. 39.

¹⁴ *Ibidem*, p. 41.

¹⁵ ZAHN, op. cit., p. 19.

¹⁶ *Idem*.

¹⁷ Rosamond McKITTERICK, *Perceptions of the Past in the Early Middle Ages*, Notre Dame, Indiana, University of Notre Dame Press, 2006.

¹⁸ ZAHN, op. cit., p. 19.

¹⁹ LANDAU and PARSHALL, op. cit., p. 40.

árvores genealógicas. Há, também, a presença de dois mapas: um mundial, sem a referência ao continente americano e um outro referente apenas à Europa.

Um texto escrito em latim intitulado, *Comentadio operis novi cronicarum cñ (sic) ymaginus temporu et Europa Enee pij* (Elogio da obra das novas crônicas com imagens das Eras e a Europa de Aeneas Pius) foi publicado em folha única em 1493. Este documento é identificado por Stephan Füssel²⁰ e Adrian Wilson como uma forma de divulgação ao possível público leitor sobre *A Crônica de Nuremberg* que sairia brevemente em alguns meses. Esta forma de divulgação provavelmente foi escrita por Hartmann Schedel.²¹

Este documento é primordial para trazer-se algumas questões acerca das intenções dos publicadores ao público leitor. A partir do convencimento sobre as singularidades da *Crônica de Nuremberg*, Schedel demonstra algumas razões, as quais, justificariam a compra desse livro. Esse autor começa:

“A grande fortuna das Eras emergiu sobre nós, querido leitor, não importa o que você considere mais importante, a paz universal ou as habilidades desta geração. Mas nada parecido com isto, até agora, havia surgido para aumentar e elevar o prazer dos homens do saber e de todos aqueles, os quais, possuem algum tipo de educação”²².

A crônica, como pontua Schedel, seria destinada não só aos intelectuais, mas também para aqueles que sabiam ler e, por ventura, possuísem algum anseio de aprender sobre os variados temas presentes neste livro. Esse autor ainda salienta, inicialmente, como o texto que seria publicado e distribuído dentro de algumas semanas se diferenciava dos outros do mesmo gênero e continua:

“O novo livro de Crônicas, com suas figuras de homens famosos e de cidades, o qual, foi impresso com as despesas dos ricos cidadãos de Nuremberg. De fato, eu me proponho a prometer para você, leitor, um enorme deleite em lê-lo e assim você vai pensar não estar lendo um livro de contos, mas olhando para eles com os seus próprios olhos. Você irá ver lá não só retratos de imperadores, papas, filósofos, poetas e outros homens famosos, cada um, apresentado propriamente de acordo com as vestes de suas épocas, mas também vistas das mais famosas cidades e lugares pela Europa, e como cada um floresceu, prosperou e continuou. Quando você olhar para todas essas histórias, fatos, e dizeres sábios você vai pensar que estão todos vivos. Adeus, e não deixe que este livro escape de suas mãos”²³.

²⁰ FÜSSEL, op. cit., p. 9.

²¹ WILSON, op. cit., p. 177.

²² Tradução nossa do trecho: “*The great fortune of the ages has dawned upon us, dear reader, whichever you consider more important, the universal peace of the world or the accomplishments of this generation. But nothing like this hitherto appeared to increase and heighten the delight of men of learning and of everyone who has any education at all.*” Apud: WILSON, op. cit., p. 209.

²³ Tradução nossa do trecho: “*The new book of chronicles with its pictures of famous man and cities which has just been printed at the expense of rich citizens of Nuremberg. Indeed, I venture to promise you, reader, so great delight in reading it that you will think you are not reading a series of stories, but looking at them with your own eyes. For you will see there not only portraits of emperors, popes, philosophers, poets, and other famous men each shown in the proper dress of his time, but also views of the most famous cities and places throughout Europe, as each one rose, prospered, and continued. When you look upon all these histories, deeds, and wise sayings you will think them all alive. Farewell, and do not let this book slip through your hands.*” Apud: WILSON, op. cit., p. 209

Este segundo trecho é importante para pensar uma possível função, das inúmeras xilogravuras, sugerida pelos próprios responsáveis pela edição do livro em questão. O leitor não só leria várias páginas em sequência sobre a História da humanidade, como também as veria. Desta forma pensaria que todos estes fatos e homens ilustres tomariam vida diante de seus olhos. É inegável um certo exagero feito por Hartmann Schedel para o convencimento do leitor para a compra da *Crônica de Nuremberg*.

Talvez seja possível afirmar que as inúmeras xilogravuras não tornariam a história presente de forma literal ao leitor e sim que as inúmeras ilustrações presentes nesse incunábulo poderiam estimular a imaginação do observador. A medida que este último lesse sobre os fatos históricos, os quais, a crônica faz referência, poderia presencia-los com os próprios olhos a partir de um exercício imaginativo. Esta imaginação seria estimulada tanto pelos detalhes das grandes gravuras referentes às cenas bíblicas, às vistas de cidades como também pelos inúmeros retratos de imperadores, santos, papas e filósofos que se encontram nessa obra.

Desta forma, os mais vários assuntos são acompanhados por xilogravuras de diferentes tamanhos: as pequenas que se localizam apenas em uma parte da página, as médias que ocupam um terço ou a metade do folio e as grandes que tomam o espaço de uma folha inteira ou duas. A maior xilogravura da *Crônica de Nuremberg* é a que representa a própria cidade onde a mesma foi produzida. Esta imagem ocupa dois fólhos inteiros do incunábulo e será analisada no tópico a seguir.

A xilogravura da vista panorâmica de Nuremberg

A *Crônica de Nuremberg*, como podemos observar no primeiro trecho do documento citado na página anterior, pretendia como outras crônicas do mesmo gênero, ser uma compilação de trechos bíblicos, de considerações filosóficas, de árvores genealógicas das famílias imperiais e do conhecimento acumulado de forma geral pelos intelectuais. No entanto, seriam suas xilogravuras a razão da sua singularidade. Há de se ressaltar a importância dada aos mapas e à menção das cidades europeias consideradas relevantes por Schedel. Muitos destes pontos urbanos citados nessa crônica mereciam além de um trecho descritivo, uma xilogravura para representa-los visualmente para o leitor.

Entre as trinta e duas vistas de cidades, baseadas em alguns parâmetros geográficos reais²⁴, presentes na *Crônica de Nuremberg*; a que se destaca não só pelos seus detalhes, mas também no seu tamanho é a referente à própria Nuremberg. Na figura 1, encontra-se uma das maiores xilogravuras desse livro, localizada nos fólhos XCIX versus e C *recto*. A vista panorâmica da cidade é sugerida a partir de uma certa distância e de uma altura elevada, como se fosse vista de um monte. As muralhas definem a divisão entre o espaço urbano e o rural, ao centro do topo dessa ilustração nota-se as construções mais importantes da cidade como o Kaiserburg²⁵ (Castelo Imperial) e mais abaixo, à esquerda, estão presentes as igrejas mais conhecidas de Nuremberg, indicadas pelos nomes dos santos, a mais à esquerda é dedicada a São Lourenço e a mais à direita a São Sebald (padroeiro local).



Figura 1. Michael Wolgemut e Hans Pleydenwurff. A vista da cidade de Nuremberg *A Crônica de Nuremberg*, 1493. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, f. 99v. – 100r.

As muralhas eram não só um símbolo da divisão entre campo e cidade, mas também demonstravam o poder econômico local. A partir da xilogravura, nota-se uma muralha dupla para a proteção de Nuremberg, a qual conta com várias torres ao seu entorno. Contudo percebe-se elementos extramuros como: os moinhos, um conjunto de casas ao lado direito e

²⁴ As 32 vistas de cidades autênticas, apontadas por Stephan Füssel, são: Ausburg, Bamberg, Basle, Breslau, Budapeste, Colônia, Constância, Constantinopla, Cracóvia, Eichstätt, Ensisheim, Erfurt, Florença, Genova, Heraklion, Jerusalem, Lübeck, Magdeburg, Munique, Neisse, Nuremberg, Passau, Praga, Regensburg, Rhodes, Roma, Salzburg, Strasburg, Ulm, Veneza, Viena e Würzburg. Ver: FÜSSEL, op. cit., p. 30.

²⁵ Werner KREUER, *Imago civitatis: Stadtbildsprache des Spätmittelalters*, Kleve, Universität GH Essen Gesamtherstellung Boss-Druck, 1993, p. 126.

três pessoas indo em direção à cidade. Hartmann Schedel começa a descrição dessa cidade da seguinte forma:

“Nuremberg é uma cidade bem visitada e conhecida por toda Germânia e também por estrangeiros. É um centro produtivo da Germânia, e possui belas e ornamentadas construções. Um castelo real localizado na colina da cidade domina a Cidade e deste, há uma vista da cidade e seus arredores”²⁶.

Logo no início da descrição, nota-se como Schedel preocupa-se em destacar como Nuremberg é um importante centro econômico local, assim como é conhecida por diversas partes do continente europeu. Desta forma, muitas pessoas dos arredores e os estrangeiros visitavam regularmente a cidade em questão. Além de citar a importância do castelo local, por estar presente na parte mais alta da cidade, possuía uma vista dos arredores de Nuremberg. A partir desta colocação Schedel demonstra o papel dessa construção como um importante local para a proteção de Nuremberg.

Preocupado em narrar uma possível origem tanto para o nome Nuremberg como para a cidade em si, Hartmann Schedel se vale de um passado do império romano e alega que a fundação dessa cidade foi feita possivelmente do nome do imperador Tibério Claudio Nero:

“Alguns afirmam que a cidade e seu nome vem do seu castelo. No entanto alguns dizem que ambos vieram do imperador Tibério Nero ou do seu irmão Nero Druso (o qual lutou com os germânicos), então de “Neroberg” foi nomeada”²⁷.

Contudo, a historiografia evidencia este passado inventado por Hartmann Schedel, ao enfatizar que a urbanização das regiões da Baviera e da Francônia obtiveram um desenvolvimento tardio posterior ao século XII e Nuremberg não fugiria a este padrão.²⁸

Voltando à análise da xilogravura, a presença de várias torres e o tamanho maior destinado à xilogravura referente a Nuremberg, como aponta Kathleen Biddick, em conjunto com o texto que elogia o próspero comércio da região e as belas construções presentes nesta cidade imperial, poderiam se configurar como uma forma de criar uma representação do

²⁶ *Nurmberg ist in gantzem teütschen land vnd auch bey eüßern völkern ein fastnamhaftige vnd weyt besuchte stat. Ein berümbts gewerbhawts teütscherland. vnd mit schönen gemaynen vnd sundern gepewen geziert. Ein konigliche fast alte burg fürscheint ob eim berg ober die statt auff. daruon ist ein gesichte in die statt vnd darauß.* Hartmann SCHEDEL, *Liber Chronicarum*. Incunábulo, Nuremberg: 1493. Caracteres góticos. Ex-libris: Cristiano Benedito Ottoni. Setor: Obras Raras, FBN. Referência na base: Z1,5,2. Folio CI *versus*.

²⁷ *Ettlich maynen das der statt ir namen von derselben burg entsprungen sey. So sprechen ettlich. das sie von Tiberio nerone dem kayser nach Resgenspurg gepawet. oder von Druso nerone seinem bruder (der die teütschen bestritten hat) Neroberg genant worden sey.* SCHEDEL, *op. cit.*, Folio C *versus*.

²⁸ Laurence BUCHHOLZER-RÉMY, *Une ville en ses réseaux: Nuremberg à la fin du Moyen Âge*. Paris, Éditions Belin, 2006. p. 46.

poder de Nuremberg tanto para os seus habitantes como também para pessoas de outras regiões.²⁹

Por sua vez, o historiador francês Laurence Buchholzer-Rémy defende que a história das cidades, na Crônica de Nuremberg, era um percurso entre a Jerusalém terrestre, a primeira cidade representada neste livro em ordem cronológica e a Jerusalém celeste. Desta forma, como afirma este autor, Hartmann Schedel tomou como parâmetro de *cidade ideal*: a Jerusalém celeste e, por conseguinte, tentou compara-la com uma possível imagem ideal de Nuremberg.

Este historiador sugere que há indícios que comprovam esta comparação entre Nuremberg e a Jerusalem terrestre como: a posição da xilogravura de Nuremberg no fólio C e as semelhanças entre as representações visuais de ambas as cidades. Como alega Buchholzer, o número cem se constituía como um número perfeito para a sociedade medieval ocidental, o qual guarda todo o segredo da criação divina.³⁰ Quanto às semelhanças entre as gravuras de Jerusalém (Figura 2) e Nuremberg (Figura 1). Buchholzer demonstra que o posicionamento dos prédios, a centralidade de um prédio principal posto numa colina que é posicionada na parte superior em ambas as imagens sugerem semelhanças ao leitor da *Crônica* e poderiam sugerir uma aproximação entre ambas as cidades.

Contudo, há pontos que podem questionar esta afirmação anteriormente exposta, como defende a historiadora Renata Vereza, a ideia de uma Jerusalém terrestre como cidade ideal não se aplicava a concepção de espaço urbano na baixa Idade Média. A idealização e a tentativa de realização de uma Jerusalém celeste se encaixava melhor para os espaços monásticos³¹. Não só a partir da constatação desta autora, podemos questionar a posição de Buchholzer, mas também pela ausência de uma comparação feita ao longo do texto descritivo sobre Nuremberg do cronista Hartmann Schedel.

²⁹ Ver: Kathleen BIDDICK, "Becoming collection: the spatial afterlife of medieval universal histories", In Barbara HANAWALT, Michal KOBIALKA (eds.), *Medieval practices of space*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 2000.

³⁰ BUCHHOLZER-RÉMY, op. cit., p. 45.

³¹ Renata VEREZA, *A invenção da cidade ibérica baixo-medieval* in: LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira Lima (Org.) *Imagem, gênero e espaço: representações da antiguidade*. Niterói: Alternativa, 2014. p.104

A cidade real e ideal. A paisagem de Nurember na Crônica de Hartmann Schedel e a sua concepção de espaço urbano

Desta forma seria mais seguro supor que a proposta de Hartmann Schedel ao dar um destaque a Nurember em sua *Crônica*, não era comparar a sua cidade a um modelo ideal de uma Jerusalém celeste e sim sugerir a própria Nurember como uma *cidade ideal* a outros espaços urbanos. Não só enaltecer os aspectos culturais, Schedel buscava demonstrar ao possível leitor, as razões para se visitar Nurember e desta forma movimentar ainda mais o forte comércio local e estimular a visita e a peregrinação às famosas igrejas da localidade.

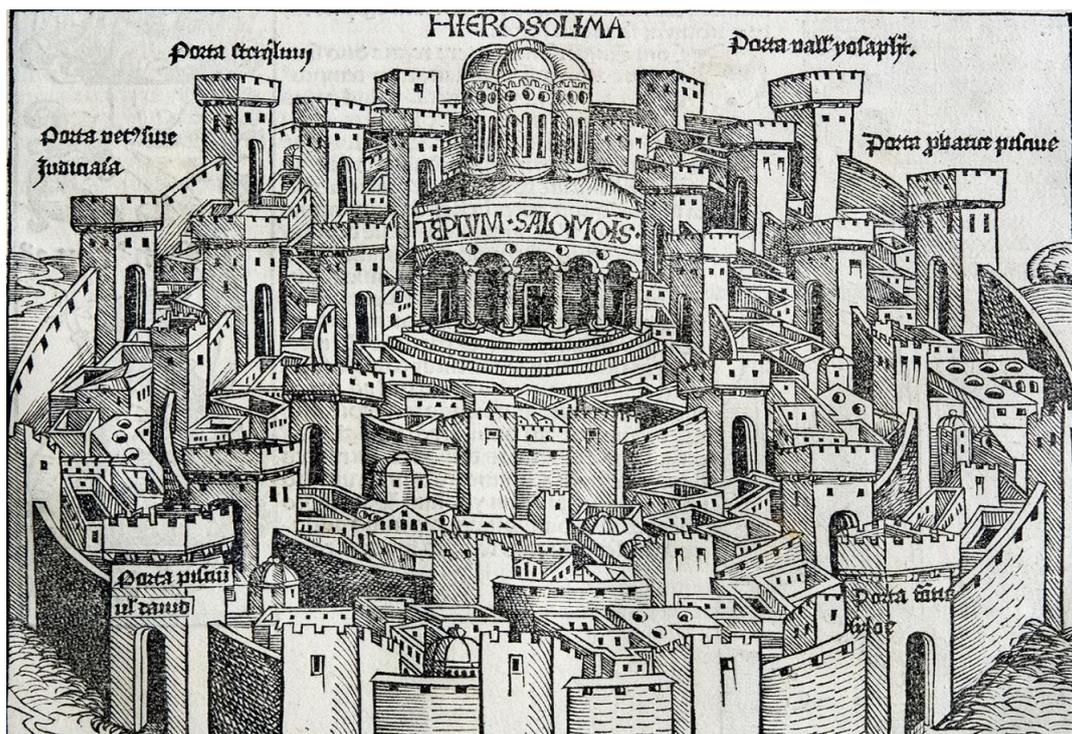


Figura 2. Michael Wolgemut e Hans Pleydenwurff. A vista da cidade de Jerusalém *A Crônica de Nurember*, 1493. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, f. 17v.

Ao que se pode perceber, ao longo do trecho referente à Nurember escrito por Schedel, é que esse cronista se vale um passado romano para evidenciar uma suposta fundação gloriosa local, posterior a um elogio inicial da cidade que menciona as diversas belas construções que Nurember possui. Em conjunto com o texto, há a xilogravura que sugere uma vista panorâmica deste espaço urbano ao leitor da *Crônica*. Os vários símbolos associados ao poder são enfatizados na xilogravura como uma forma de demonstrar uma superioridade e reafirmar uma elevada posição hierárquica de Nurember frente às demais cidades.

Considerações Finais

Como defende Giulio Carlo Argan, a *cidade ideal* é intrínseca, em todos os períodos históricos e está em relação dialética com a *cidade real*. Contudo a *cidade ideal* não estaria desvinculada das necessidades e da ordem social e urbana³². A idealização da cidade seria mutável e estaria relacionada às necessidades materiais da localidade. Hartmann Schedel juntamente com alguns outros intelectuais e membros da elite buscaram pela confecção e impressão da *Crônica de Nuremberg* não somente vender livros para público ao redor do continente europeu. A partir do trecho referente à Nuremberg, o cronista Schedel parece demonstrar razões para justificar as exuberâncias e distinções de sua cidade.

Uma preponderância econômica permitiu não só a capacidade de gastar recursos em um investimento de retorno de médio a longo prazo, como também uma necessidade de promover a cidade, o seu comércio e as suas igrejas para possíveis leitores da *Crônica*. Estimular visitas à Nuremberg, promover um passado inventado sobre a tradição da cidade e evidenciar os símbolos de poder como muralhas, castelos e torres, através de uma xilogravura, parecem ter sido um dos meios que a elite intelectual, da qual Schedel fazia parte, encontrou para enfatizar a hierarquia de sua cidade e sua importância comercial para o Sacro Império Romano Germânico.

³² ARGAN, op. cit., p. 60.